

IX Encuentro Nacional y III Congreso Internacional de Historia Oral de la  
República Argentina

*“Los usos de la Memoria y la Historia Oral”*

**O Uso de Histórias de Vida em Sala de Aula**

Diana Mara Gerber\*

Durante um período aproximado de sete mil anos, a espécie humana adquiriu a capacidade por meio da qual a mão e o olho, suplementados pelo ouvido e pela boca, conseguem produzir pequenas formas visíveis que irão desencadear uma memória da língua previamente pronunciada e ouvida. Ou seja, o ser humano natural não é escritor ou leitor, mas falante e ouvinte. Sendo assim, a cultura escrita é um exercício artificial, produzido culturalmente, não naturalmente, portanto imposto ao homem natural.

Assim, somos levados a crer que as sociedades humanas chamadas pré-históricas foram formadas com base na intercomunicação oral, fossem caçadores, agricultores, ou algo assim. Durante milênios conseguiram fazer seus acordos, repassar seus costumes, seus saberes, pensar, agir e reagir por meio da fala. Essa é nossa herança! (HAVELOCK In: OLSON, D.R. e TORRANCE, N. (orgs), 1995:17)

Neste texto busco expor algumas formas de utilização de histórias de vida em sala de aula, como instrumento utilizado para a compreensão das diversas identidades presentes no ambiente escolar, que se refletem nas práticas pedagógicas. Através da auto-reflexão, perceber a relação de quem narra com o outro, com a sociedade, com a escola e com o mundo.

docente, buscando a reconstrução do sentido do próprio trabalho e da profissão, além de desenvolver o conhecimento de si, o professor pode desenvolver uma metodologia de escuta como recurso eficaz no estabelecimento de uma relação de cumplicidade e de compreensão da vida e do contexto no qual vivem seus alunos; com percepção de suas vivências,

seus sonhos, frustrações e desejos. Através desse recurso, é possível melhor preparo para um trabalho de orientador do seu aluno, na busca do conhecimento e de uma convivência harmônica.

\*Graduada e Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina; aluna do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília – Doutorado em História Cultural.

A história de vida favorece o ato de repensar as questões de formação e ressalta a riqueza das narrativas para o trabalho de reflexão sobre o “ser e tornar-se professor”, passando a compreender melhor a profissão docente, “percebendo a complexidade de sua tessitura e as possibilidades que o Mar de Fios de Histórias oferece para a construção de novas versões sobre o ser professor”. (PEREZ, 2003:107-8 In: IBIAPINA, 2008:85) A narrativa de si, segundo Larrosa (1996), orienta sobre o papel das narrativas e das auto-narrativas e a relação estabelecida entre autor e os dispositivos que formam o conjunto de saberes do “eu”, que se farão presentes em sua linguagem.

A linguagem, aqui entendida como elemento da cultura, na qual o discurso refere-se tanto à produção do conhecimento e da representação, quanto ao modo como o saber é institucionalizado, modela práticas sociais e põe novas práticas em funcionamento.

Existem várias formas, através das quais é possível falar de si. Pode ser feito por meio da oralidade, da escrita, da dramatização, do canto, de versos, fábulas..., enfim, de todas as formas que a imaginação permitir.

É primordial que o profissional da educação busque outras fontes de pesquisa sobre a prática da reflexão de si, para avaliar se sua própria experiência de vida poderá ser remodelada à luz de tais reflexões, pois a narrativa, segundo Benjamim, contém sempre uma dimensão utilitária, mesmo que algumas vezes se apresente de forma latente. Essa utilidade pode transmitir um ensinamento ou uma sugestão prática, como provérbio ou norma de vida. O autor diz que a

narrativa pode aconselhar através de uma sugestão de continuidade da história narrada, pois “o homem só é receptivo a um conselho na medida em que verbaliza a sua situação”. (BENJAMIM,1994:200)

O exercício da fala ou da escrita, através de narrativas que vêm expor nossas experiências adquiridas no decorrer da vida, leva-nos à reflexão sobre o nosso “eu” visto por nós mesmos e como ele está inserido dentro da sociedade. Assim, seremos induzidos a perceber nosso papel dentro da história, pois a partilha de nossas experiências e de nossas lembranças irá resultar na reconstituição da memória, tanto individual quanto coletiva. Como já foi afirmado por Benjamim, o narrador conta o que retira da própria experiência e “incorpora as coisas narradas à experiências dos ouvintes”.(BENJAMIM,1994:201)

O método biográfico que utiliza as histórias de vida tem a função de trazer à tona histórias, que podem ser utilizadas como referência ao questionamento de experiências pessoais e profissionais para formação docente, através do conhecimento adquirido experimentalmente ao longo de toda a sua vida. Isso também poderá levar à ampliação do campo educacional, onde o educador passa, a partir da própria experiência, a incluir entre as suas tarefas “a escuta sensível, na qual percebe os componentes e as dimensões relevantes na vida dos sujeitos que lancem luz sobre as problemáticas construídas”. ”.(SOUZA e SOARES In:BIANCHETTI e MEKSENAS (orgs),2008:198)

A auto-narrativa é um método investigativo utilizado pelo historiador para retratar um determinado recorte histórico, uma época. É também um instrumento pedagógico de valor inestimável, para a formação do profissional, pois nele tem material suficiente para proporcionar o aprendizado e a reconstrução de suas próprias experiências, tomando como base, também, histórias vividas por outros. “É uma metodologia que nos possibilita resgatar a memória e reelaborar as identidades individuais e de grupo, em um contexto social específico”.(ibdem.p.196)

As próprias histórias, ao serem compartilhadas, levam o professor a desvelar elementos que compõem o seu pensar e o seu agir profissional, criando bases para a compreensão da sua profissão. Coloca em cena toda a sua trajetória,

deixando transparecer seus valores, criando possibilidades de análise e reflexão crítica, que fortalecerão sua autoconfiança, podendo resultar em reação contra a resignação que marca sua existência. O indivíduo e o profissional, assim como a fala, a memória e a história, não estão descolados do sujeito, ao contrário, são inseparáveis.

Novas possibilidades para a compreensão do trabalho docente surgiram com esse tipo de abordagem, passando a reconhecer o professor como sujeito, fazendo-se então necessário investigar os saberes de referência dos educadores sobre sua própria prática docente, seus pensamentos, seus valores e princípios, “caracterizando-os como sujeitos de um saber e de um fazer inerentes à profissão”.

A Vida, as experiências, os entraves, as visões de mundo e o trabalho adquirem uma nova importância ao serem socializados. Transformam-se em algo quase imagético que consegue retratar uma determinada realidade em que “o passado é designado como valor de imagem” e a “imaginação matiza desde a origem os quadros que gostará de rever.” Para acessarmos os “arquivos da memória, importa reencontrar para além dos fatos, valores” que ligam o nosso imaginário ao imaginário social, juntamente com outras representações expostas por outros narradores. (BACHELARD,1986:99)

Segundo análise feita por Halbwachs (2006:69), acerca de memória individual e coletiva, há uma clara distinção entre história e memória. Para ele a memória é múltipla, enquanto a história “é uma”, pois a memória trabalha com aquilo que se viveu e ainda se vive. Já a história constrói uma representação de acontecimentos distantes, muitas vezes sem testemunhas daquela lembrança. “Não é na história aprendida, é na história vivida que se apóia a memória”. Dessa forma, ele coloca a memória em campo oposto à história e conclui que:

A história não é todo o passado e também não é tudo o que resta do passado. Ou por assim dizer, ao lado de uma história escrita há uma história viva, que se perpetua ou se renova através do tempo, na qual se pode encontrar novamente um grande número dessas correntes antigas que desaparecem apenas em aparência.

As correntes mencionadas acima se referem ao pensamento e às experiências aonde “os quadros coletivos da memória não conduzem a datas, a nomes e a fórmulas, eles representam correntes de pensamento e de experiência em que reencontramos nosso passado apenas porque ele foi atravessado por tudo isso”.

Os sujeitos carregam em si rupturas reveladoras de muitas contradições em seu processo de construção cultural. Sabemos que “a memória não é cronológica nem analítica”, nem exata, portanto os temas poderão ter idas e vindas permeadas de fantasias que fogem a uma seqüência lógica dos acontecimentos. (WHITAKER,2005:64) Afinal, o que nos faz pensar “que todas as lembranças antigas estariam ali, arrumadas na ordem exata em que se sucederam, como se nos esperassem?” (HALBWACHS,2006:145)

É preciso saber ouvir para perceber o valor da narrativa do outro, da palavra como exposição de sentimentos que também enriquecerão a experiência daquele que ouve, pois o que narra registra sua visão de mundo, bem como do grupo social ao qual pertence. Além de envolver narrador e ouvinte em uma relação de confiança mútua, desvela sua compreensão dos tempos presente e passado, possibilitando a construção de perspectivas do futuro.

As lembranças narradas vão pondo em cena os diferentes componentes da memória individual e coletiva, dando visibilidade às antigas e novas realidades que emergem entre múltiplos dizeres, a partir de cada detalhe, de cada fato da vida, em um verdadeiro coro polifônico. Por isso, é comum que atribuamos a nós mesmos, “como se apenas em nós se originassem, as idéias, reflexões, sentimentos e emoções que foram inspiradas pelo nosso grupo”. Halbwachs afirma que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” e que esse ponto de vista muda de acordo com as relações que tem com outros ambientes, pois cada um de nós pertence ao mesmo tempo a muitos grupos como: família, escola, clube, trabalho... englobados por um grupo maior que é a nação. Porém, segundo o autor, é raro um acontecimento nacional que “modifique ao mesmo tempo todas as existências.” Portanto, é dentro dos grupos menores que recebemos tantas influências. (HALBWACHS, 2006:64-99)

A memória não é algo que possa ser mensurado, assim como o tempo e o espaço. Ela é complexa e na sua complexidade “nos remete diretamente a seus portadores, os sujeitos” que de lá (da memória) emergem para o “pesquisador como uma espécie de arquivo dinâmico” trazendo sua história remexidas e misturadas a outras tantas que fazem parte da sua, “num fascinante jogo caleidoscópico que modifica periodicamente suas representações, através de ressonâncias infinitas que ora tangenciam, ora se interseccionam com outras memórias”.(WHITAKER e VELÔSO(ORGS),2005:pref.)

A palavra articulada com a memória vai, aos poucos, evocando até as mais vagas lembranças vividas ou que gostaríamos de ter experimentado, pois “em sua primitividade psíquica, Imaginação e Memória aparecem em um complexo indissolúvel... E nessa união que podemos dizer que revivemos o passado. Nosso ser passado imagina reviver.”(BACHELARD,2006:99) Essas vivências narradas evidenciam as marcas individuais e coletivas, presentes na construção de sua identidade cultural, pois a narrativa traz em si “a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso”.(BENJAMIM, 1994:205)

As identidades são construídas ao longo de nossa existência. Segundo Hall, (2005:38-39)

“existe sempre algo imaginário ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre em processo, sempre sendo formada. (...) Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto na plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros.

“A identidade então, costura (... sutura) o sujeito à estrutura”, estabilizando os sujeitos e seus mundos culturais e unificando-os.

Para Hall, o sujeito pós-moderno não tem uma identidade essencial ou permanente, uma “celebração móvel” formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados nos sistemas culturais. É definida historicamente e não biologicamente. Dentro de nós há identidades contraditórias empurrando em diversas direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Quando sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento, é porque construímos uma estória sobre nos mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”.

As identidades modernas estão sendo “descentradas”, pois o indivíduo se “descentra” tanto de seu lugar no grupo social como de si mesmo, mudando as identidades pessoais, desestruturando a idéia que temos de nos mesmos, levando o sujeito à perda de si, pois na “medida em que as culturas nacionais se tornam mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através da infiltração cultural.” A globalização tem surtido um efeito de “contestar e deslocar as identidades centradas e fechadas” de uma cultura nacional. Ela atua de modo a pluralizar as identidades, produzindo uma gama de possibilidades e novas posições de identificação que as torna mais plurais e diversas. (HALL, 2005:74-87)

A identificação está ligada ao processo de representação, em que tempo e espaço se colocam como base. Toda forma de representação coloca seu objeto em dimensões espaciais e temporais. Assim, a narrativa traduz acontecimentos buscando localizar uma seqüência (nem sempre lógica) que molda a relação espaço-tempo-lugar.

“Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a ‘identidade’ e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos “eus” divididos numa unidade, porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude.”(HALL, 2005:39)

A busca pelo passado é uma maneira de entendermos a construção de nossa identidade, apesar de sabermos que o olhar que lançamos, é do momento presente.

## As Histórias de Vida em Sala de Aula

É papel da escola propiciar ao aluno o desenvolvimento de um conjunto de competências que o habilitem a viver em sociedade, enfrentando e resolvendo problemas e participando de forma democrática na vida política.

A abordagem biográfica como recurso pedagógico contribui de maneira efetiva para a auto-formação, conduzindo a uma auto-análise e auto-valorização tanto como sujeito quanto como profissional.

É primordial que o profissional da educação busque outras fontes sobre a prática da reflexão de si, fazendo uso de materiais teóricos dedicados ao estudo desse método, para avaliar como a sua própria experiência de vida poderá ser explorada em prol do seu crescimento profissional e pessoal.

Existem várias formas, através das quais é possível falar de si. Pode ser feito através da oralidade, da escrita, da dramatização, do canto, de versos, fabulas..., enfim, de todas as formas que a imaginação permitir. Porém, é de suma importância que seja criado um “clima” de descontração para que todos se sintam à vontade, sem constrangimentos, pois quanto maior for a naturalidade, a despreocupação com supostas interpretações, mais facilmente a história fluirá e “mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência”. (BENJAMIM, 1994:204)

Esse trabalho deve ser realizado pelo conjunto das disciplinas curriculares. É necessário analisar as possibilidades de integração entre as disciplinas, configurando um ambiente interdisciplinar na escola, onde o trabalho deve ser especificado pela particularidade pedagógica desse espaço, tornando possível viajar no imaginário do auto-narrado, nas suas experiências e postura diante dos problemas reais da família, diante de sentimentos que envolvem amor, amizade... Tomar essa narrativa como um fio que ao ser puxado, devere trazer muitos outros fios que tecem sua história de vida, em seu contexto.



Esse método deverá aproximar professor e aluno, bem como auxiliar para que ambos valorizem o pensamento do outro e “a construção de um ambiente de discussão, de autonomia e de respeito mútuo, o que envolve o exercício da alteridade” como bem explicitou Ibiapina, em sua tese de doutorado sobre pesquisa colaborativa. Concordo com ela que o “trabalho colaborativo requer a criação de relações que incluam interesses pessoais e sociais comuns entre os partícipes”, interesses de professores e alunos, bem como da escola e da sociedade, “compondo uma densa teia de conexões interpessoais”, envolvidos num belo processo reflexivo que permitirá a partilha de experiências e idéias, que “possibilitem a ampliação do nível de aprendizagem da profissão docente”.(IBIAPINA, 2008:36-7)

Através da análise das narrativas, será possível detectar sérios problemas que afligem o aluno, muitas vezes fazendo com que essas preocupações sejam afloradas em seu comportamento que pode ser retraído, fechado, distante, ríspido ou até mesmo violento.

Sabemos que os comportamentos sociais são construções culturais que legitimam as relações de poder presentes em todas as sociedades, onde dramas e articulações se configuram por estratégias e táticas, que são utilizadas de varias formas, inclusive através de leis e normas que buscam coibir a violência. Infelizmente ela se faz presente das mais variadas formas, tanto em ambientes públicos quantos em privados. Em família, nas ruas, no esporte e nas escolas.

A violência não pode ser aceita como algo inerente ao indivíduo, como parte de sua natureza, mas como algo construído culturalmente dentro de relações que se estabelecem na sociedade. Uma sociedade muito dinâmica, onde os conceitos de violência também mudam no transcorrer da história. Ela segrega, separa e se faz presente, historicamente, na construção de estigmas, preconceitos e exclusões que são parte de uma sociedade e de sua cultura.

O que se observa é que a análise autobiográfica não se restringe ao indivíduo que narra, mas à relação dele com os sentimentos, com seus atos e com os acontecimentos. O educador tem que ter certo tato para buscar a compreensão do aluno e saber ler nas entrelinhas, observar com delicadeza os silêncios

contidos nas falas, estas possuem significados que vão muito além das palavras.

Para que isso ocorra de maneira efetiva é necessário investir na formação contínua dos professores, organizando ciclos reflexivos que dêem motivação ao professor e o incentivem a exteriorizar pensamentos sobre a sua prática docente, através da interação dialógica.

A partir de sua experiência com a narração da própria história o professor se reapropria de sua formação, de seus conhecimentos internalizados, sentindo-se preparado a trabalhar o método com seus alunos, sempre buscando formas de estimulá-los à prática da auto-narrativa. Esta pode ser trabalhada das mais variadas formas, das quais o professor irá experimentando até atingir sua meta.

A escola precisa criar meios que possibilitem a participação de todos os alunos, para que tenham o mesmo poder de manifestação e de serem ouvidos. Todos precisam ter suas histórias ouvidas para se sentirem prestigiados, aceitos, considerados, podendo assim refletirem sobre o lugar ocupado por cada um e sua relação com o outro e com o mundo. Sem contar que aquele que escuta está “vivendo” com aquele que narra, “mesmo quem lê partilha dessa companhia”.(BENJAMIM,1994:213)

Para Bakhtin, a linguagem é um campo de batalha social, onde cada palavra transforma-se na arena onde competem as entonações sociais. A própria palavra “é parte da existência e uma de suas forças, e por essa razão possui eficácia e desempenha uma papel na arena da existência”.(STAM,1992:31)

As relações entre interlocutores, Bakhtin nominou de “tato”, que abrange a totalidade de códigos que reagem à interação discursiva, a dinâmica social e pessoal que se faz entre interlocutores, e a troca constante entre interlocutores é que modelam conjuntamente o evento da interação verbal, pois a palavra incorpora sentidos e conotações, em que “a palavra sempre vem da boca do outro” e aquele que fala “tem seus direitos inalienáveis sobre ela”, mas aquele que escuta também possui seus direitos, “e aqueles que ressoam na palavra antes que o autor se aposses dela também tem seus direitos”.(STAM, op.cit.BAKHTIN,1992:73)

Outras vozes sempre são utilizadas para formar a orquestração que irá colaborar para um discurso amplamente polifônico. “Por todo lado ouço vozes e as relações dialógicas entre elas”.(BAKHTIN, 1992:72)

Bourdieu chama a atenção para o fato de que não se pode tratar a vida como um simples relato coerente de fatos, uma vez que a existência de um indivíduo é sempre descontinuada e fragmentada. E ressalta, ainda, a condição indispensável da reconstrução do contexto, lócus onde age o indivíduo em uma pluralidade de espaço e tempo.

Dessa forma, o indivíduo se move por tempos e espaços diversos, submetido a incessantes transformações, entendido dentro de uma dinâmica que reflete o sentido contraditório da vida social. O indivíduo inserido numa realidade dinâmica dentro de uma sociedade que se reconstrói a cada instante. (BOURDIEU, 1996:183-93)

No modo poético que somente Bachelard possui para explicar o tempo, o instante se traduz em “lampejo” e o pensamento utiliza a vida através de “lampejos irregulares” que provocam em nós “um surdo sofrimento quando saímos em busca dos instantes perdidos”. Cada instante de alegria que ficou no passado assume um valor incalculável e então “sonhamos com uma hora divina”, que seria completa, ou seja, a hora em que todos os instantes do tempo seriam utilizados pela vida..., “a hora em que todos os instantes vividos seriam sentidos, amados, pensados”.(BACHELARD,1999:50-1) É impossível citar esse trecho de Bachelard sem lembrar Benjamim, na relação que ambos fazem com nossos átimos de memória. Este, ao referir-se ao tempo, diz que “a verdadeira imagem do passado perpassa veloz. O Passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido”.(BENJAMIM, 1994:224)

Assim, o trabalho de rememoração é uma tentativa de organizar um tempo sentido e vivido no passado, e finalmente reencontrado através de uma vontade de lembrar – ou de um fragmento que tem a força de iluminar e reunir outros conteúdos que sugerem abarcar toda uma vida.(MALUF, 1995:29)

Com apoio na rememoração, as narrativas de si, deverão ajudar o educador a traçar o perfil do grupo de alunos, promovendo uma aproximação com a sua linguagem, suas vivências, seus valores. E a partir desse novo conhecimento, agregar outros elementos já presentes, que possam desvelar novas possibilidades de alargar seu campo de sociabilidades.

Através da nova realidade percebida com as histórias de vida, todas as ações e reações dos sujeitos irão aflorar diante da quebra do próprio silêncio. O professor terá em suas mãos, um fortíssimo instrumento de análise que deverá ser utilizado, não somente para um bom relacionamento com seus alunos, mas, em parceria com a escola em sua totalidade, poderá também lançar uma verdadeira campanha em prol da Paz na Escola.

Brasília/DF, julho de 2009

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. A intuição do instante. Campinas/SP: VERUS, 1999.

\_\_\_\_\_. A Poética do Devaneio. SP: Martins Fontes, 2006.

BENJAMIM, Walter. Magia e Técnica, ensaios sobre a literatura e historia da cultura.

BIANCHETTI, Lucidio e MEKSENAS, Paulo (orgs.). A TRAMA DO CONHECIMENTO teoria, método e escrita em ciencia e pesquisa.SP: Papyrus, 2008.

BOURDIEU, Pierre. A Economia das Trocas Linguísticas: o que falar quer dizer. SP:EDUSP, 1996.

CARDOSO, Ruth (org.). A Aventura Antropológica- teoria e pesquisa.SP: Paz e Terra, 1986.

GUAZZELLI, Cesar A.B. et all (orgs.).Questões de Teoria e Metodologia da História.POA:Ed.UFRGS, 2000.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. trad.SIDOU, Beatriz. SP: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.trad.SILVA, T.T.da e LOURO,Guacira L. 10.ed. – RJ:DP&A, 2005.

LARROSA, J. – Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA,T.T. (org.) O Sujeito da Educação: estudos foucaultianos. 2. Ed.Petrópolis:Vozes, 1995.

MALUF, M. Ruídos da Memória. SP: Siciliano, 1995.

MONTENEGRO, Antonio T. História Oral e Memória – a cultura popular revisitada. SP: Contexto, 1994.

OLSON, David R. e TORRANCE, Nancy (orgs.) SP: Ática, 1995.

STAM, Robert. BAKHTIN Da Teoria Literária à Cultura de Massa.SP: Ática, 1992.

WHITAKER, Dulce C.A. e VELÔSO, T.M. (orgs.) Oralidade e Subjetividade os meandros infinitos da memória. Campina Grande: EDUEP, 2005.

Leitura recomendada:

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. Pesquisa Colaborativa- Investigacao, Formacao e Producao de Conhecimentos. Brasília: Liber Livros Ed., 2008

COSTA, Cléria B. da e MAGALHÃES, Nancy A. Contar História, Fazer História. Brasília: paralelo 15, 2002.